

A Biblioteca Infantil Carlos Alberto — BICA — funciona no Méier. É a única no gênero na GB.



A morte de Carlos Alberto levou seus pais ao desespero. Mas a fatalidade não impediu que Wilson e Carolina utilizassem a dor para fazer uma obra social.

MEIAS DE TODOS OS COLÉGIOS



**NAS CASAS OLGA
TODOS OS TAMANHOS!
TODAS AS CORES!
TODOS OS PREÇOS!**

CURTA RENDADA A PARTIR DE Cr\$ 1,35	CURTA LISA A PARTIR DE Cr\$ 0,95
DERBY 3/4 A PARTIR DE Cr\$ 1,95	DERBY 3/4 RENDADA A PARTIR DE Cr\$ 2,40

AO LADO DE SUA CASA NÁ SEMPRE UMA DAS
CASAS OLGA

A BICA é das crianças

Q

Quando Carlos Alberto nasceu, Wilson e Carolina Bodstein começaram a comprar livros para a sua futura biblioteca e a providenciar uma casa com quintal no Méier através de um financiamento do Inpse. Um ano e meio depois, na época da mudança, Carlos Alberto morreu repentinamente de convulsão cerebral.

A grande dor levou-os a desistir da ideia da casa, que seria a casa de Carlos Alberto. Depois, pensaram em utilizá-la para uma creche ou orfanato. Mas foram os livros na estante que deram a ideia da criação de uma biblioteca infantil para as crianças do bairro. Foi fundada então, a BICA — Biblioteca Infantil Carlos Alberto —, a única biblioteca infantil da Guanabara.

Fatalidade

Carlos Alberto nasceu a 23 de abril de 1949 e apresentou problemas no nascimento, recuperando-se totalmente após os primeiros dias. O médico aconselhou o casal para que não tivesse mais filhos. A condição de filho único levou Wilson e Carolina a cercarem Carlos Alberto de todos os cuidados, procurando casa para tirá-lo de apartamento e comprando livros para a sua futura biblioteca.

A BICA recebe 500 crianças por dia e hoje dispõe de um acervo de seis mil livros. Apesar da sua atuação junto ao público infantil da Zona Norte, a BICA tem dificuldades financeiras e pessoal em número deficiente.

— A nossa intenção era dar condições em casa — por isso queríamos uma com quintal —, e muitos livros para que ele não ficasse brincando na rua. A sua morte subita nos deixou transtornados, quase desistimos da casa. Mas pensamos melhor e resolvemos fundar uma obra social em sua memória. Surgiu então a BICA.

Carolina é atualmente diretora de uma escola primária em Pavuna e Wilson é comissário de polícia. Têm um filho de 18 anos, Carlos Fernando, que está se preparando para o vestibular de Administração de Empresa. Ela, bastante emocionada,

preferiu que o marido contasse a fundação da BICA.

— O desconhecimento da organização de uma biblioteca nos levou a procurar bibliotecários do Rio e São Paulo. A partir de uma orientação, com muito idealismo e força de vontade e apesar de toda a dor que sentíamos, inauguramos a biblioteca em 27 de dezembro de 1950.

No começo, tínhamos mil livros, uma mesa de madeira que eu pintei de azul e esteiras no chão. Cadeira era um luxo que não podíamos ter. A emulvidade que nos levou a iniciar a biblioteca desapareceu quando constatamos a sua utilidade. É a alegria das crianças pobres e descalças lendo no chão nos recompensou muito.

O nosso entusiasmo foi tão grande que eu, na época, cursava o quarto ano de Direito, e não conseguia mais tempo para ir às aulas. Só me formei 13 anos depois. A nossa vida passou a ser totalmente dedicada à BICA o que fazíamos com grande amor.

A BICA, para Carolina, era a continuação da vida, era o filho que não tinha mais. Na época, professora primária do primeiro turno, passava o resto do dia com as crianças, organizando os livros e conversando com elas.

— A origem emotiva da biblioteca atraiu muita gente e tivemos bastante divulgação. Mas a nossa luta para sobreviver foi enorme e não queríamos de forma alguma terminar com a BICA.

— Fechamos a biblioteca em 1966 por total falta de recursos. Por muitos anos recebemos subvenções federal e estadual, mas nos últimos tempos era tão complicado fazer um requerimento que desistimos.

Crescimento

— Aos poucos, a BICA foi crescendo, muitos nos ajudaram. Aliás,

apoio moral nunca nos faltou, apenas o apoio financeiro. Nós morávamos na própria biblioteca, para estar perto e com mais possibilidade de empregarmos nosso tempo.

— Na época eu tinha 29 anos e era muito magro e, por força das circunstâncias, andava mal vestido. Nos meus contatos com as editoras, eu sempre me dizia empregado da BICA por achar que as pessoas não dariam crédito se soubessem que aquele rapaz magrinho e mal-vestido era o diretor.

— Na biblioteca, tudo era grátis. As crianças, além de utilizar os livros, passavam grande parte do dia lá. Se por acaso uma não devolvesse um livro, nós não reclamávamos. Já que o nosso objetivo era difundir a leitura, achávamos que punir ia contra essa finalidade.

— Apesar de todas as dificuldades — na época eu era detetive da polícia e revisor de um jornal —, eu me sentia mais feliz e realizado do que hoje, como comissário de polícia, um cargo mais elevado. Eu sentia que a minha vida estava sendo bem empregada.

— Nossa atividade era totalmente voltada para as crianças e para a comunidade. Em 1957, realizamos a primeira Exposição do Livro Infantil, que foi promovida pelo MEC e pelo jornal O GLOBO participando 39 países — o Ministério do Exterior nos ajudou bastante e foi um verdadeiro sucesso.

— Em 1958, na Semana da Árvore, resolvemos arborizar a rua da biblioteca. Diversos embaixadores estrangeiros foram convidados para plantar árvores, com a bandeira do seu respectivo país. Nosso nome nunca foi utilizado. Tudo era para a BICA, para as crianças, para o bairro.

— Sinto muitas saudades daquela época, mas as dificuldades financeiras foram mais fortes. Quando decidimos entregar a BICA, fomos a várias entidades, mas ninguém se interessou. Graças ao general Humberto Peregrino, diretor do INL, em 1966, conseguimos que a obra continuasse, mas agora ligada ao Ministério de Educação.

— Ele comprou o prédio por Cr\$ 50 mil, o que só foi possível porque batalhou muito. O acervo nós doamos. Nessa fase, um supermercado ofereceu Cr\$ 60 mil pelo imóvel, para fazer um depósito. Apesar da boa oferta comercial, recusamos, por não querer que a obra acabasse.

— Se eu pudesse, fundaria outra. É só ganhar na loteria esportiva. E aí, quem sabe, você nos entrevistaria pela nova BICA.

Hoje

Ligia Serpa foi a primeira bibliotecária da BICA há 20 anos atrás e muito amiga de Carolina e Wilson. Na época tinha sido "emprestada" pela repartição em que trabalhava, pelo período de um ano. A ideia de voltar à BICA nunca lhe deixou, e quando a biblioteca foi reinaugurada em 1969, já através do INL, ela assumiu a direção.

A BICA tem um acervo de cerca de seis mil livros, principalmente para o público infanto-juvenil e uma parte de referência: dicionários, enci-

clopedias etc. Além da biblioteca, funciona um curso de arte para crianças e adolescentes, uma discoteca (atualmente parada por falta de pessoal) e sessões de cinema.

— A procura é enorme, explica Ligia. No período escolar temos uma frequência diária de quase 500 crianças, a ponto de ter que fazer fila. Além disso, as crianças da redondeza passam o dia inteiro aqui. A BICA é o mundo delas e o meu também.

— Enfrentamos muitas dificuldades financeiras: temos 18 funcionários mas precisamos no mínimo de 32. Estou otimista quanto a essa parte financeira, porque recentemente foi assinado um convênio entre o INL e a FEFIEG (Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara) e parece que a situação vai melhorar.

— As crianças têm muita liberdade e nunca tive um problema disciplinar com elas. Acho que só através do carinho a criança se disciplina. O que as indisciplina é o mau-trato. Muitas vezes eles vêm me contar seus problemas, suas dúvidas. O clima é de grande carinho e amor, e é também pelo amor das pessoas à BICA que ela sobrevive.

— Não se trata de uma biblioteca comum. Ela vive em função da comunidade. Quando um grupo não tem onde ensaiar peças de teatro ou outra atividade, o nosso auditório serve de palco, e nós estimulamos e apoiamos muito todas essas iniciativas.

— A biblioteca funciona de 2a a 6a, no horário de 9 às 18 horas, mas temos planos para que ela fique aberta também aos sábados. Os livros podem ser retirados por um período de duas semanas.

O curso de arte funciona graças ao desprendimento da professora Carl Moore Portela e das professoras Alair Lemos da Rocha e Gedalva Rocha de Souza que trabalham exclusivamente por amor à BICA e às crianças. Cobramos uma taxa de Cr\$ 20,00 mensais para ajuda na compra de material (argila, caneta hidrográfica, tinta, óleo, guache etc.) Mas muitas crianças não pagam e nós deixamos.

— A discoteca, parada no momento, tem cabines individuais para as crianças e se for um disco muito procurado, ele é tocado para todos. A BICA não tem discos, mas as crianças traziam de casa e trocavam entre si.

— O cineminha funciona às 4as. e 6as. e a partir das 14 horas, sendo de graça para as crianças. Além disso, grupos teatrais apresentam suas peças aqui, ampliando as atividades da biblioteca.

— Além disso, são levados cursos esporádicos de arte (Ivã Serpa, marido de Ligia deu um ano passado para mais de 200 pessoas) e há planos de se criar um curso de arte para os adolescentes (atualmente eles têm aulas junto com as crianças) com crítica de arte e outros assuntos mais apropriados para essa faixa de idade.

A BICA tem três blocos: no primeiro fica a biblioteca juvenil, no segundo, a parte infantil de biblioteca e curso de arte, com as paredes de tijolinho e as mesas coloridas, e no terceiro, a discoteca, cinemateca e auditório.

